

O ETHOS DISCURSIVO DA MULHER VIRTUOSA NO LIVRO DE *PROVÉRBIOS* E SUA OPOSIÇÃO NA ENUNCIÇÃO SATÍRICA EM JUVENAL

Zilda Andrade Lourenço dos Santos (UFES)
zp30@ig.com.br

1. *Considerações Iniciais*

Este trabalho segue uma linha teórica de abordagem da Análise do Discurso, de base enunciativa, com o propósito de verificar a construção discursiva da imagem da mulher virtuosa, que se estabelece através de textos da literatura hebraica, no livro de *Provérbios*, comparada à imagem da mulher romana construída na sátira 6 de Juvenal. A noção de hiperenunciação dá sustentabilidade à discursividade que se estabelece no livro de *Provérbios*, por se apresentar como uma coletânea oriunda da cultura hebraica, com toda a influência de outras culturas vizinhas.

A partir das constatações apreendidas da construção do ethos da mulher virtuosa que se estabelece no capítulo 31 de *Provérbios*, faz-se um paralelo com a imagem da mulher romana, construída na sátira 6 de Juvenal, na literatura latina, que parte do imaginário de uma mulher ideal, a qual não é identificada na enunciação satírica dos poemas. Através das sátiras, Juvenal critica o comportamento da sociedade romana de seu tempo, primeira parte do século II d. C. Nesse aspecto, faz-se necessário observar o discurso que constrói o imaginário da figura feminina, através de uma lente que possibilite identificar o contexto social e histórico em que tais discursos são produzidos.

De acordo com uma das leituras possíveis, discurso é a prática social de produção de textos. Isto significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção. O texto é a materialidade da língua, o objeto empírico para análise do discurso.

A cena de enunciação se estabelece em um espaço determinado pelo gênero de discurso. Nesses termos, Maingueneau propõe uma análise da cena de enunciação em três cenas distintas: *Cena Englobante* – atribui um estatuto pragmático ao tipo de discurso a que pertence um texto (literário, filosófico, religioso...). *Cena Genérica* – é definida pelos gêneros de discurso. *Cenografia* – é instituída pelo próprio discurso.

Juvenal, como enunciador da poesia satírica de seu tempo, evoca uma cenografia épica. Na concepção de Maingueneau, *a cenografia é, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la* (2008, p. 118), sendo que esse enunciador lança mão de tal cenografia para atingir seus objetivos de denúncia do comportamento da sociedade romana. Segundo Maingueneau (2001, p. 126), uma obra pode basear sua cenografia em cenários já validados, o que não significa valorizado, mas já instalado no universo do saber. Desse modo, Juvenal busca cenas validadas tanto nos mitos e lendas, quanto nas referências a personagens históricos, como os da política e também da literatura.

2. Construção discursiva da imagem da mulher virtuosa no capítulo 31 do livro de Provérbios

O objetivo de destacar e observar *Provérbios*, 31, se volta para o interesse em demonstrar como era construída a imagem da mulher virtuosa no discurso religioso, referente à comunidade hebraica, na antiguidade. Certamente em outros discursos pertencentes a diferentes culturas, há de se identificar tal imagem, mesmo que não seja exatamente com a mesma descrição. Há de se notar que no início do Império Romano já havia circulação da literatura hebraica, visto que o cânone dos textos sagrados foi traduzido para o grego, mais ou menos no século III a. C., no reinado de Ptolomeu, e tal acervo se encontrava também na biblioteca de Alexandria, centro cultural do grande império. Prova dessa hipótese é encontrada na sátira XIV de Juvenal, contextualizada nas primeiras décadas do século II d. C. Juvenal, ao fazer referência à cultura judaica, assim se expressa: “... *Seguindo o Judaísmo, as Leis Romanas, desprezam, observando, e só tremendo, do que Moisés no Códigos arcanos recomenda sagrados no direito...*”, em que ele menciona, em especial, os textos identificados como autoria de Moisés, o legislador.

Por algumas evidências que se apresentam no livro de *Provérbios*, grande parte do texto tem uma autoria que pode ser identificada como sendo do rei Salomão. Desse modo, muitos pesquisadores concordam que o livro de *Provérbios* é resultado de uma compilação de textos proverbiais organizados, sendo uma parte acrescentada aos arquivos já existentes na época do exílio babilônico. Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século d. C., narra um episódio ocorrido na época do império Medo-Persa, situado na época em que Dario foi proclamado rei. Zoroba-

bel, príncipe dos judeus, que era amigo do imperador Dario, estava próximo dele, e era um oficial conselheiro. Após um banquete oferecido aos maiores do reino, Dario teve um sonho que o deixou perplexo, e assim pediu aos três oficiais que o serviam, que decifrassem, diante da corte, o enigma do sonho. Perguntou então ao primeiro se a mais forte de todas as coisas do mundo não era o vinho, ao segundo, se não eram os reis, e ao terceiro (Zorobabel), se não eram as mulheres ou a verdade. Disse-lhes que pensassem. No dia seguinte, pela manhã, mandou chamar os príncipes, os grandes senhores da Pérsia e da Média, sentou-se no trono de onde costumava distribuir a justiça e ordenou aos três oficiais que respondessem, na presença de toda a assembleia, as perguntas que havia feito. Zorobabel, o príncipe judeu, que estava responsável para dissertar sobre a força da mulher e da verdade, assim respondeu:

...mas ousou afirmar que o poder das mulheres é ainda maior. Os homens e os reis têm nelas a sua origem, e, se elas não tivessem posto no mundo os que cultivam as terras, a vinha não produziria o fruto cujo suco é tão agradável. De tudo teríamos falta sem as mulheres. Devemos ao seu trabalho as principais comodidades da vida: elas fiam a lã e o tecido com que nos vestimos. Têm cuidado de nossas famílias, e não poderíamos passar sem elas. A sua beleza tem tanto encanto que nos fazem desprezar o ouro, a prata e tudo o que há de mais rico no mundo para ganharmos o seu afeto. Para segui-las, abandonamos sem pesar mãe, pai, parentes, amigos e a nossa própria pátria. Fazemo-las senhoras não somente de tudo o que conquistamos com mil trabalhos na terra e no mar, mas de nós mesmos.

O texto narrado por Josefo reflete o ideal da mulher virtuosa, almejado pela cultura judaica, na voz de um príncipe judeu, sendo tais valores identificados num contexto histórico, tanto anterior como também posterior ao exílio babilônico, como demonstra o livro de *Provérbios*.

Na concepção de Maingueneau, a enunciação proverbial implica características da paracitação⁶⁶, sendo que os provérbios fazem parte de um tesouro⁶⁷ pertencente à comunidade em que ele circula. Nessa perspectiva, Maingueneau argumenta que na enunciação proverbial: “um sujeito universal coincide com o conjunto dos locutores de uma língua, membros como ele da comunidade cultural e linguística onde circulam os

⁶⁶ Para Maingueneau, paracitação é uma junção de participação e citação na enunciação, e é uma forma particular de coenunciação, pois existe acordo em torno do ponto de vista (2008, p. 92).

⁶⁷ Maingueneau define tesouro como um corpo de enunciados compartilhados por uma comunidade discursiva (2008, p. 95).

provérbios, aquele que cita um provérbio participa da comunidade que lhe dá sustentação”. (2008, p. 96).

A noção de hiperenunciador contribui para o entendimento da enunciação proverbial, como identificada no livro de *Provérbios*, pois o hiperenunciador aparece como uma instância que garante a unidade da multiplicidade de enunciados do tesouro de uma comunidade na determinação de sua identidade, sendo a representação da voz da sabedoria.

A introdução do capítulo 31 do livro de *Provérbios* é identificada como uma paracitação, em que o rei Lemuel traz ensinamentos proverbiais herdados dos ensinamentos de sua mãe. O texto exibe sua mensagem na perspectiva enunciativa da mulher ideal, sendo que o corpo enunciante é indissociável do texto, por meio de um ethos de mulher virtuosa que joga com as referências culturais da comunidade hebraica.

Palavras do rei Lemuel, a profecia que lhe ensinou a sua mãe.

Como, filho meu? e como, filho do meu ventre? e como, filho dos meus votos? Não dês às mulheres a tua força, nem os teus caminhos ao que destrói os reis... (Pv. 31.1 - 3)

A partir do verso 10, numa forma poética, o texto tem os versos iniciados com as letras do alfabeto hebraico, formando um poema acróstico.

Alguns temas são desenvolvidos na caracterização da mulher virtuosa.

Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis. O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo. Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida.

Compleitude – *Mulher virtuosa*. Peça difícil de ser encontrada e seu valor excede ao de uma joia rara. Eis a razão de sua importância no lar.

Relacionamento – manutenção de um bom relacionamento com o esposo, visto que em provérbios anteriores há algumas caracterizações como: *O gotejar contínuo no dia de grande chuva e a mulher rixosa são semelhantes* (Pv. 27.15), ou ainda, *Melhor é morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e iracunda* (Pv. 21.19).

Trabalho – Além da identificação do trabalho manual, destacam-se também qualidades de administração da casa. Tal mulher se apresenta como laboriosa e constante, não deixando que sua lâmpada se apague à noite.

Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos. Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão. Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos da casa, e distribuir a tarefa das servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos. Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços. Vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as suas mãos ao fuso, e suas mãos pegam na roca.

Carinho e prevenção – ajuda o pobre e zela para que nada falte em sua casa. A aparência de seu marido reflete o cuidado que recebe no lar.

Abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos ao necessitado. Não teme a neve na sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlata. Faz para si cobertas de tapeçaria; seu vestido é de seda e de púrpura. Seu marido é conhecido nas portas, e assenta-se entre os anciãos da terra. Faz panos de linho fino e vende-os, e entrega cintos aos mercadores. A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com o dia futuro. Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua. Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça.

Reconhecimento – do esposo e filhos.

Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada; seu marido também, e ele a louva. Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente!

Temor do Senhor – princípio da sabedoria

Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa sim será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas.

A conclusão do poema, que é também fechamento do livro, retoma a introdução, no capítulo 1.7, ao fazer referência ao temor do Senhor como princípio da sabedoria. A mulher virtuosa não é identificada pela submissão, mas pela ação dirigida pela sabedoria. A carga religiosa que a expressão *temor do Senhor* fornece, caracteriza o diferencial das concepções da mulher virtuosa, na cultura hebraica.

3. *Construção discursiva da imagem da mulher na sátira 6 de Juvenal, em oposição à mulher virtuosa*

Não há informação exata sobre a biografia de Juvenal, mas é possível situar seu nascimento aproximadamente no ano 67 d. C. em Aquino, no Lácio Meridional, e sua morte por volta de 130 d. C., sendo que seus escritos podem ter sido divulgados a partir de 110 d. C. Nesse perí-

odo, o Império Romano havia alcançado uma grande expansão, havendo também muita influência de outras culturas e costumes, na sociedade romana. Algumas mudanças ocorridas, a partir do fim da República e início do Império, tais como a forma de casamento *sin manus*, o enriquecimento da nobreza, e outros fatores mais, contribuíram para a emancipação da mulher, de nível mais elevado da sociedade. É notória a observação como Juvenal se posiciona na enunciação que constrói discursivamente a imagem da mulher romana, principalmente as matronas situadas num patamar mais alto da sociedade daquela época.

A sátira, como gênero literário, tem sua origem na Literatura Latina, a partir de Ênio, poeta integrante da história da literatura pertencente à cultura romana, mas deve-se a Lucílio, nascido em 160 a. C., o desenvolvimento da estrutura da sátira como gênero, imitado por autores romanos que se seguiram, como Horácio, Pérsio e Juvenal. A partir de Lucílio, adotou-se o hexâmetro, metro da épica, na poesia satírica, sendo usado pelos poetas satíricos subsequentes.

Ao escolher a sátira para expressar a arte da poesia, Juvenal revela sua preocupação com o comportamento da alta sociedade, e a escolha da sátira como forma irônica de denúncia e crítica. Ele dialoga com a epopeia, como gênero das grandezas do Império Romano, como forma de resgatar a memória dos valores ancestrais. O ethos pré-construído de um poeta satírico era o de Guardião das Tradições Romanas.

Na coletânea das sátiras de Juvenal, a cena enunciativa se estabelece a partir da sátira I, como introito às partes que se seguem. Segundo Powell (1999), o prelúdio das sátiras de Juvenal demonstra um estilo épico narrativo, mas na sequência, em grande parte do discurso são identificados aspectos argumentativos, algumas vezes o conversacional, e em outras partes, características de sermão. Esses aspectos observados justificam a dificuldade de se definir sátira, pela diversidade da escolha das formas e temas possíveis de serem abordados. Daí a tentativa de se entendê-la, lançando mão de algumas metáforas, tais como: um prato composto de variadas frutas, oferecido aos deuses em rituais dos tempos antigos; salsicha recheada com diversos ingredientes; lei satura que compreende muitas leis em um único pedido. Tais metáforas eram usadas para demonstrar a exploração de vários temas e multiplicidade de expressões literárias no uso de episódios, monólogos, fábulas, advertências, repreensões entre tantos outros, na produção das sátiras, caracterizando-as pela censura moral do comportamento social e a agressividade, no modo de abordagem.

Há uma demonstração clara na forma dos versos de Juvenal que torna evidente sua escolha pelo gênero satírico, como também sua declaração no introito da sátira I: “Porque me agrade de Lucílio o exemplo... O fel conter da Sátira não posso”.

O estilo é identificado como uma construção da cenografia épica que se estabelece a partir da sátira I, que vai sendo validada nas sátiras que se seguem. Bakhtin considera que “no mundo épico não há lugar para o inacabado, nem para o que não está resolvido... está construído numa zona de representação longínqua, absoluta, fora da esfera do possível contato com o presente em devir” (2006, p. 409).

Quando Juvenal usa a sátira como recurso para criticar o modo de agir da sociedade romana, ele evoca cenas validadas na memória do leitor, buscando imagens já construídas num passado histórico. Assim, a cada cena que se estabelece, a enunciação reivindica a cenografia épica instaurada a partir da introdução, e esta cenografia valida a enunciação, e ao mesmo tempo é validada por ela. Este movimento que acontece na cena enunciativa fornece subsídios para os sentidos do discurso.

Na literatura latina, o gênero épico era usado para engrandecer o Império. Nesse sentido, a função da alusão épica na sátira não deve ser encarada exclusivamente como um aspecto decorativo, considerando-se que o estilo épico requisitado por Juvenal na produção da poesia satírica reflete sua concepção de mundo e posição discursiva, assumida na enunciação. Ele opta por mostrar a decadência do presente, medindo sua distância a partir do passado épico. Desse modo, Juvenal dialoga com este gênero para mostrar a degradação moral do Império.

Juvenal tanto dialoga com acontecimentos do passado quanto também com textos pertencentes a diferentes discursos. Nesse sentido, Bakhtin considera que “dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas” (BAKHTIN, 2006, p. 331).

Nessa linha de pensamento, os textos do livro de *Provérbios* mantêm um diálogo com algumas partes das sátiras de Juvenal, ora em concordância, ora em oposição. A poesia que destaca os valores da mulher, no livro de *Provérbios*, inicia com o seguinte questionamento: *Mulher virtuosa, quem a achará?* Dialogando com esta indagação, Juvenal também formula seu inquérito, no início da sátira VI: *Hás de achar Esposa honesta, e nobre que as antigas imita em bons costumes*. E na continuação de suas considerações sobre a raridade da mulher virtuosa, Juvenal

cita um provérbio, para fortalecer seu próprio dito: *Com estas condições; mulher no mundo, mais custa achar-se do que um cisne preto!*

A poesia no capítulo 31 de *Provérbios* lança a pergunta *Mulher virtuosa, quem a achará?* Tal indagação é usada para introduzir as qualidades da mulher idealizada na cultura hebraica, enquanto o questionamento de Juvenal serve como desqualificação da imagem da mulher da sociedade romana. A sátira VI, como recurso de denúncia, apontava para os vícios e costumes das mulheres envolvidas em interesses ambiciosos e inescrupulosos, caracterizando assim a decadência do papel da mulher na instituição casamento. A mulher começou manifestar comportamentos opostos às suas antecessoras, na cultura romana, e nesse contexto social, Juvenal exalta os tempos áureos de Roma, em que *Pudicitia e Fides* eram valores ancestrais que davam suporte ao matrimônio. A falta de pudor e o espírito ambicioso são descritos como condutas inadmissíveis às mulheres casadas. A riqueza e adesão aos costumes estrangeiros contribuíram para o enfraquecimento do casamento como instituição, pois a prática religiosa tornava-se como pretexto para encontro das mulheres com seus amantes no templo.

Na abundância criada, e brandos leitos;
Posto que envolta fosse em ricas faixas
Do mar despreza o susto; nada a espanta,
Já perdeu a vergonha, que em mulheres
No ócio criadas, é nenhuma perda!...
... Quando são por soberba corrompidas,
Amargam mais que saboreiam.
... A mulher tudo faz, por mais que obsceno
Contanto que um colar tenha ao pescoço
;;; Pois, se além do costume, tem de ornar-se
Para alguém visitar, dar seu passeio,
Ou té ao templo de Isis ir incasta,
Té onde o amante a aguarda; ...
Mulheres têm diabo subjugando-as;
E tem por menor crime o prostituir-se!

Na descrição de Juvenal, a mulher romana luta na arena, ocupando espaços outrora exclusivos dos homens, e em lugar da roca e do fuso ela prefere a lança; demonstra exibição ao se mostrar culta e eloquente. Induzida por motivos mercenários era conduzida ao uso de porções mortíferas para eliminar os obstáculos, na conquista de seus propósitos infames. Ao focalizar o deslocamento da posição da mulher na vida doméstica, Juvenal alerta para a decadência do casamento como instituição, de acordo com as antigas tradições, apontando para o comportamento da mulher, focalizando o desconforto e a humilhação sofrida pelo homem.

Fazia honestas, módicas as fortunas
De outro tempo as Romanas; o trabalho,
O breve sono, as mãos ao fuso entregues;
... A mulher, nada importa; cuida na arca
Que o dinheiro pulula renascendo,
Sem lhe importar, seus gastos quanto custam.
...Prepara o colo ao jugo, pois nenhuma
Mágoa poupa ao marido o mais amável;
Se diz que o ama, rouba-o, atormenta-o,
Quanto mais o consorte é virtuoso.

Alguns estudiosos da literatura latina insinuam que Juvenal parecia demonstrar certa frustração no trato com a figura feminina de seu tempo, mas é relevante observar que na cultura romana, a sátira exercia uma função moralista de manutenção dos valores idealizados. Pode-se fazer um paralelo com a posição discursiva de Juvenal, na enunciação satírica que visava o comportamento da mulher romana, com colocações que o apóstolo Paulo fez também através de suas epístolas, aproximadamente meio século antes de Juvenal, tendo pontos básicos em comum. Através de suas cartas, Paulo aconselhava as mulheres a manterem a tradição cultural do seu papel na sociedade. Em suas cartas, Paulo denunciou a depravação sexual entre mulheres, alertou sobre a aparência extravagante, como também a ousadia de falar em público, e o controle da língua, comportamentos esses que contribuíam para quebra de paradigmas da cultura. Com estas observações, fica fortalecida a ideia de possibilidades das denúncias de Juvenal estarem fundamentadas na realidade dos acontecimentos, como reflexo do modo como a sociedade romana manifestava seu comportamento, tanto no século I d. C., quanto no contexto do início do século II d. C.

4. Considerações finais

As concepções de Knight (2004) contribuem para uma compreensão da sátira como um fenômeno da linguagem que pré-existe ao próprio gênero, o que ele designa de pré-genérico. Não é um gênero em si, mas um explorador de outros gêneros. Nessa concepção, Knight coloca a sátira numa posição mental que precisa adotar um gênero, a fim de expressar suas ideias como representação. É uma predisposição para encontrar um objeto apropriado de ataque que incorpora o sentido da maldade humana e loucura, e utilizar efetivamente uma forma pré-existente, a fim de representar o objeto, permitindo tornar suas qualidades ofensivas e aparentes. A mente do autor satírico tem a percepção do alvo a ser alcançado e

sua formalização se realiza através da linguagem (KNIGHT, 2004, p. 04).

Considerando a sátira além do gênero que a representa, compreende-se com mais clareza as escolhas de Juvenal em sua enunciação satírica. No conjunto das 16 sátiras, o poeta se mostra indignado com as mazelas da sociedade romana, crueldade dos imperadores, ambição das riquezas. O fio de esperança se mostra no seu diálogo com o passado épico, o qual ele conclama como cenografia da cena de enunciação, para lembrar que os valores culturais deveriam ser preservados. Ao nomear figuras históricas e literárias como exemplos na sátira VI, Juvenal fortalece suas críticas e repreensões. Mediante esse quadro que se apresenta, o livro de *Provérbios*, no seu todo, também assume esse caráter satírico, com um olhar voltado para a manutenção dos valores culturais, já que a sabedoria é a voz do hiperenunciador, através das paracitações que compõem a cena de enunciação, que ao descrever as qualidades da mulher virtuosa, contribui com subsídios que servem de parâmetro na qualificação do comportamento da mulher romana, do século II d.C.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Unesp: 1988.

CONNORS, C. Epic Allusion in Roman Satire. In: FREUDENBURG, K *The Cambridge Companion to Roman Satire*. Cambridge, 2005.

JOSEFO, F. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: Casa das Assembleias de Deus, 2004.

JUVENAL. *Sátiras*. Trad.: Francisco Antonio Martins Bastos. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d.].

KNIGHT, C. *The literature of satire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

POWELL, J. G. F. Stylistic Registers in Juvenal. In: ADAMS, J. N.; MAYER, R. G. *Aspects of the language of Latin poetry*. Oxford: Oxford University, 1999.

SILVA, G. V. *A representação da mulher na sátira romana: amor e adultério em Horácio e Juvenal*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2244>>. Acesso em: 07-05-2012.

VITORINO, M.C. *Juvenal, o satírico indignado*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2003.